
I
SEVEN CARDS, ONE DECK
JESUS OF NAZARETH
I

JESUS — O PODER DA GRATUIDADE

SEMANTIC REALITY 2026 · FOUNDATIONS 16

Todo poder do mundo pede alguma coisa. Um voto. Uma compra. Uma assinatura. Uma lealdade. Um interesse. Até o amor, quando entra nas organizações, mais cedo ou mais tarde apresenta a conta.

Depois existe uma força anômala, que escapa da lógica da troca. A gratuidade. É o poder mais antigo do mundo e, ao mesmo tempo, o menos compreendido.

Jesus não foi o começo, mas foi o primeiro a usar a linguagem da palavra e a transformá-la em uma narrativa capaz de andar sozinha. Não construiu exércitos. Não fundou bancos. Não abriu templos. Não conquistou territórios. Criou uma história.

E quando uma história fica forte o bastante para sobreviver ao seu narrador, nasce algo que o poder reconhece na hora: a influência. Foi aí que nasceu o interesse. Não o interesse de amá-lo. Não o interesse de entendê-lo. O interesse de conduzi-lo sem precisar combatê-lo.

Como narrador, esta é a visão que imagino. Um homem de túnica. Alto. Bonito. Cabelos longos. Barba feita. Ele atravessa uma multidão barulhenta e, sem levantar a voz, ainda assim consegue falar. Não fala com todos. Fala com cada um. Poucas palavras. As certas. Palavras que não mandam. Palavras que abrem. Palavras que fazem mais barulho do que o silêncio.

É assim que nasce o profeta. Não quando alguém o proclama. Quando as pessoas começam a falar dele aos outros.

Mas os homens do templo perceberam que alguma coisa estava mudando. A frequência caía. A curiosidade se deslocava. A atenção também. E quem controla a atenção controla o poder.

Então o convocaram ao palácio. Oficialmente, para entender quem ele era. Na realidade, para entender como detê-lo.

Ele não usava a túnica dos fariseus. Não usava o turbante. Não carregava as insígnias da autoridade. E muito menos tinha aquela barba longa que identificava o formato dominante da época.

Nos interrogatórios, tentaram trazê-lo de volta para dentro da cerca. Atribuir-lhe uma categoria. Encontrar-lhe um rótulo. Transformá-lo em uma versão menor do que eles já conheciam. Mas ele continuava escapando.

E uma resposta, acima de todas, parece atravessar o tempo como uma flecha: Por que você olha o cisco no meu olho e não se preocupa com a trave no seu?

A referência era à barba. Porque todo poder examina os detalhes do outro quando já não consegue defender as próprias contradições. Com o seu sistema, ele tinha ensinado às pessoas uma possibilidade nova: viver fora do formato. Não contra o sistema. Fora dele. O que é muito mais perigoso. Porque os sistemas sabem se defender dos adversários. Têm dificuldade, isso sim, de entender alguém que simplesmente para de jogar segundo as suas regras.

A política então seguiu o seu curso. Sempre seguiu. Quando não conseguiu derrotá-lo lutando de igual para igual, usou a arma mais

antiga do mundo: a subtração. Tirar. Reduzir. Simplificar. Colocar o público diante de uma escolha já feita.

O acordo na praça chegou do jeito que chega toda operação bem construída. Disfarçado de democracia. Jesus de barba feita ou Barrabás barbudo. Liberdade ou formato. Imprevisibilidade ou pertencimento.

O jogo era fácil. O formato venceu. Como quase sempre acontece.

Mas justamente no momento da derrota a gratuidade mostrou a sua verdadeira natureza. Porque o poder tradicional reage. A gratuidade compreende. E ele respondeu com uma frase que nenhuma organização, nenhum governo e nenhum algoritmo ainda consegue explicar por completo: Perdoai-lhes, porque ainda não sabem o que fazem.

Não era uma justificativa. Era um diagnóstico.

Os seus discípulos fizeram o resto. Escreveram um livro. Ou talvez algo ainda mais raro. Escreveram uma narrativa capaz de sobreviver por milênios. Traduzida para todas as línguas. Atravessada por todas as culturas. Interpretada por todas as religiões. Contestada, amada, distorcida, reescrita, defendida e atacada. E, no entanto, ainda aqui. Nenhum departamento corporativo jamais conseguiu igualar a sua distribuição. Nenhum layout publicitário, a sua duração. Nenhum logotipo, a sua capacidade de ser reconhecida. Porque os produtos viajam pelos mercados. As narrativas viajam pelas pessoas.

Não há blasfêmia nesta visão. Há apenas o direito absoluto de contar. Um direito que se move fora dos mercados deles, independente e tranquilo. E quem não concordar está livre para procurar outros livros, onde possa ler o formato que lhe servir melhor.

Esta é, afinal, a carta de Jesus. Não o poder da força. Não o poder do dinheiro. Não o poder do governo. O poder da gratuidade. O único poder que continua circulando mesmo depois que o seu narrador deixou a mesa de jogo.

Ferdinando
Gillette Man ⚔️